

temas como a existência humana, o sentido da vida e da morte, o papel do sofrimento e tantos outros aspectos do cotidiano. Não se ocupa, porém, ao estudo de cada um dos livros desta categoria, limitando-se a curtos comentários aos Provérbios, Jó, Coélet (Eclesiastes), Sirácida (Eclesiástico) e Sabedoria.

Por fim, no sétimo e último capítulo, Ska investiga brevemente os demais livros, que não se encaixam nas categorias precedentes. São eles: Salmos, Lamentações, Baruc, Crônicas, Esdras e Neemias, Macabeus, Rute, Ester, Tobias, Judite, Jonas, Daniel e Cântico dos Cânticos.

Nos Salmos, por exemplo, o Autor entrevê uma coleção de orações para cada circunstância da vida humana, através das quais o fiel expressa seus sentimentos de alegria, gratidão, perplexidade, etc. Já nos livros das Crônicas ressalta o seu tom litúrgico e o interesse do cronista em apresentar Davi e Salomão sem os defeitos encontrados nos livros dos Reis. Tomando como base Ne 8, onde é feita a leitura pública da Torá, o Autor faz uma ligação muito interessante com outros dois textos: 2Rs 22-23, onde se narra a descoberta do livro da Lei no tempo do rei Josias, e Ex 24,3-8, trecho no qual se encontra

origem escrita da Torá em torno da aliança de Javé com seu povo no Sinai. Desta maneira o leitor percebe um nexos entre o tempo de fundação de Israel no deserto, a monarquia pré-exílica e a comunidade após o retorno do cativeiro babilônico, ficando patente que a identidade de Israel está intimamente ligada à Torá (p. 145). O livro de Daniel é caracterizado como “o único membro da família apocalíptica a obter um lugar na biblioteca nacional” (p. 158). De complicada interpretação é o Cântico dos Cânticos, “a poesia amorosa de Israel” (p. 160).

Em síntese, a obra de Jean-Louis Ska, com uma linguagem simples, introduz o leitor no contato com a riqueza dos escritos veterotestamentários, revelando, ao mesmo tempo, os vários matizes teológicos de cada livro, sempre de maneira sucinta, como, aliás, é característico entre os teólogos francófonos.

Por fim, este livro pode ser de muita utilidade para aqueles que já estão familiarizados com o texto sagrado, mas, sobretudo, para *os que conhecem pouco ou quase nada a respeito dele*.

*Alejandro Javier de Saint Amant*  
(Professor – ITTA)

**SICCARDI, Cristina. *Descobrir Hildegarda de Bingen. Mística, artista, mulher de ciência*. Trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Paulinas, 2013, 227p. ISBN: 978-989-673-301-8.**

A editora Paulinas teve a ótima iniciativa de fazer a tradução desta obra equilibrada, profunda, atraente e oportuna, que

mostra facetas surpreendentes de uma santa mística que merece ser mais conhecida e estudada.

Quem nos apresenta a fisionomia de Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179) é uma experimentada escritora. Cristina Siccardi é italiana, nascida em Turim, casada, com dois filhos. Licenciada em Letras, dedica grande parte de sua investigação ao campo biográfico. Interessa-se por várias personalidades: Santa Helena, Madre Teresa de Calcutá, o Cardeal J. H. Newman e o Papa Paulo VI. Presta simultaneamente colaboração nos jornais: *La Stampa*, *La Gazzetta del Piemonte*, *Il nostro tempo*, *Avvenire*, *L'Osservatore Romano*, bem como em várias revistas culturais e religiosas. Também é membro da *Accademia Archeologica Italiana*.

Na santa da Renânia se reúne uma série de condições que fazem dela uma personalidade bastante singular. São tantos os seus dotes místicos que, ainda em vida, muitos a chamam de “profetisa teutônica”. “O papel de Hildegarda, que fundou mosteiros e foi missionária pregadora, foi o da intermediária entre o Céu e a Terra, daquela que fala, não por vontade própria, mas pela boca da Luz vivente, daquela Luz que lhe transfunde a sabedoria e que já viu aos três anos” (p. 14). Deus concedia-lhe graças extraordinárias em abundância, de tal modo que o seu perfil foge dos parâmetros hagiográficos comuns. A Autora faz uma síntese da globalidade dos dons da misteriosa santa: “Hildegarda, cuja alma se efunde e se expande, é mística, teóloga, literata, ervanaria... e a lista das obras escritas pela ‘Sibila do Reno’ é bastante extensa; mas é ainda mais vasto o elenco dos temas que tratou. Escre-

ve sobre teologia, filosofia, moral, hagiografia, ciência, medicina e cosmologia; compôs poemas líricos, música excelente e manteve um denso intercâmbio epistolar com numerosos correspondentes de toda a Europa. No entanto, ela proclamava-se *indocta* e hauria os seus admiráveis conhecimentos de uma riquíssima cultura infusa. Escreveu sempre em latim, embora nunca o tivesse estudado” (p. 14).

Toda a sua vida esteve marcada por um contraste entre agudos sofrimentos intercalados por visões sublimes. Desde a infância foi acompanhada de dores atroztes; estas purificaram a sua alma de tal modo que, desde muito jovem iniciaram as visões. “No terceiro ano de vida, eu vi uma luz de tal modo intensa que fazia tremer a minha alma; mas, como eu era ainda demasiado pequena, não podia exprimir-me a propósito” (p. 39). Ela inicia o prefácio ao seu primeiro livro teológico *Scivias* sublinhando: “Passados os anos da juventude e chegada à idade madura, ouvi uma voz do céu que dizia: ‘Eu sou a Luz viva que ilumina todas as escuridões’” (p. 43).

A Autora destaca que os místicos vivem num constante vaivém entre o Céu e a Terra, divididos entre as sublimidades do contato com o divino e as limitações de todos os mortais. Eles terminam vivendo o sobrenatural no natural, com frequência passam das dores lancinantes às contemplanções divinas, de um momento para outro.

Hildegarda foi aceita no mosteiro de Disibodenberg ainda criança, com apenas oito anos, segundo os costumes daque-

la época, aos cuidados da mestra Jutta, a única a conhecer as visões da pequena mística. Por mais que a santa tenha passado toda sua vida na clausura, isto não lhe impediu de viajar com frequência e tivesse uma comunicação epistolar abundante.

Um dos contrastes mais paradoxais da santa se encontra em sua sábia ignorância. Ao mesmo tempo que se reconhece *indocta*, ensina aos melhores letrados de seu tempo. Jamais estudou a teologia sistemática, contudo a domina por infusão divina. Escreve a São Bernardo de Clairava: “Eu, pobrezinha, porque tenho o nome de mulher [...], conheço o significado interior do texto do Saltério, do Evangelho e dos livros que me são mostrados nas visões [...]; mas sei lê-los somente da maneira simples e não conheço cada uma das palavras” (p. 70).

Redigiu três tratados teológicos: 1. *Scivias*, onde desvendava os caminhos do Senhor; foi lido pelo Papa Eugênio III, quem governava a Igreja naquele momento; 2. *Liber vitae meritorum* (livro dos méritos da vida), tratado dialético entre os vícios e as virtudes, buscando desmascarar os enganos dos vícios; 3. *Liber divinorum operum* (livro das obras divinas), ponto de partida de seu pensamento e suas análises antropológicas e cosmológicas. É oportuno destacar que Hildegarda “não faz teologia, não fala de teologia, a possui” (p. 18).

Um dos elementos que mais surpreendem em Hildegarda de Bingen é a admirável atualidade de seus escritos, pois seus pensamentos inspirados adquirem mais utilidade à medida que passa o tempo. Tra-

ta-se de uma das figuras mais fascinantes e multifacetadas do Ocidente medieval.

No campo da medicina, a santa vê uma estreita interação entre corpo e espírito que impossibilita estudá-los de modo separado. Por isso, recomenda a análise do corpo em função da alma; por outro lado, em caso de dualismo, prevê as graves consequências na saúde e a grande dificuldade na cura das doenças. Suas receitas terapêuticas superam o número de duas mil. Para uma mesma patologia apresenta várias soluções, dependendo da estação do ano, o estilo de vida do paciente, além do fator subjetivo sempre presente. Afirma que as doenças devem ser analisadas individualmente. Seus escritos sobre as propriedades medicinais das plantas e as virtudes das pedras preciosas e dos metais surpreendem os médicos atuais, suscitando constantes investigações em pleno século XXI.

Além disso, vale ressaltar que a mística da Renânia tem sido estudada de forma especial em nossos dias por suas composições musicais, de harmonias misteriosamente angelicais.

A Autora sublinha o pensamento da santa a respeito da relação entre fé e ciência: “A soberba dessa procura (da ciência) tem sua origem na primeira cisão, isto é, quando os homens entregaram Deus ao esquecimento e, assim, uma geração após outra. Examinou presunçosamente todas as diversas coisas criadas, para ter uma certeza futura. Deste modo, ao enganar-se, os homens veneram a divina criação em lugar de Deus e, agora, pelo desejo de

saber o que não precisam, interessam-se mais pela criação do que pelo seu Criador” (p. 102).

Desta forma, a personalidade da santa e sua obra ficam com o destaque que lhes é devido. Um panorama completo, oportuno e de agradável leitura; a Autora não se contenta com superficialidades nos comentários e procura dar uma visão abrangente dos campos onde a santa desenvolve seus dons sobrenaturais. Com efeito, o livro é um convite a “descobrir” uma santa mística desbordante de dons sobrenaturais, aliado ao mérito de manter o interesse do leitor, despertando a apetência em aprofundar mais sobre a obra da “Sibila do Reno”. “Nas milhares de páginas que Hildegarda deixou nunca há repetições nem superficialidades. Todos os parágrafos, todas as linhas, são densos de significado, escavam dentro de nós, interrogam e resolvem, apresenta problemas e soluciona-os. Escutam e fazem com que nos escutemos” (p. 110).

A visão da monja beneditina acerca da ordem da criação é deveras sugestiva. Ela vê o cosmos como uma sinfonia, a harmonia que existe em todo o espaço estrelado é a mesma que se percebe em todos os elementos criados, desde os mais minúsculos aos gigantes. Incluindo o reino das pedras preciosas, os vegetais, os animais e também os homens.

Difícilmente se encontra na História da Igreja alguém que tenha defendido com mais propriedade o princípio da harmonia universal da criação. Em sua cosmovisão, cada ser, saído das mãos do Criador, é como uma nota na partitura do divino repertório musical.

Por essas e muitas outras razões, o Papa Bento XVI, durante o Sínodo extraordinário dos Bispos, em 2012, proclamou Santa Hildegarda de Bingen como Doutora da Igreja universal.

*Roberto José Merizalde Escallón, EP*  
(Professor – IFAT)

**BOBIČ, Pavlina. *War and Faith: The Catholic Church in Slovenia, 1914-1918*. Leiden: Brill, 2012, xviii+261p. ISBN: 978-90-04-20219-1.**

The episodes studied in this book stretch over a period of four years, corresponding to the better part of the First World War, in present-day Slovenia. At that time it was considered an ethnical rather than political or *de iure* concept, as the country that today is home to some two million citizens formed part of the Habsburg Monarchy, until the creation of the Kingdom of Serbs, Croats and Slo-

venes in 1918, following the collapse of the Austro-Hungarian Monarchy.

The author studies the story of the Catholic Church among Slovenians, living predominantly in the Austrian Duchies of Carniola, Styria and Carinthia. Even though the war was triggered by the assassination of Archduke Franz Ferdinand in Sarajevo in 1914, a long prior period of unrest, unsatisfied claims and deluded